

Programação

I Jornada de estudos: Atravessamentos poéticos entre a literatura, a música, o audiovisual e as artes plásticas

Quarta-feira, 2 de dezembro de 2020

13h00: Abertura pelos membros da comissão organizadora.

13h30-14h45: Conferência musical com Ivan Vilela: *Saber oral e saber escrito: juntando na viola o que foi separado um dia*

Debatedor: Alexandre Rezende de Almeida (IF Campos do Jordão)
Mediação: Pedro Marques Neto (UNIFESP)

15h00-17h00:

Mesa 1: A canção como objeto de estudo

Mediação: Pablo Simpson (UNESP)
Sandra de Barros (UNIFESP):

Compositoras brasileiras: novos diálogos sobre a imagem feminina na canção popular

Álvaro Caretta (UNIFESP): *Relações entre o prosaico e o poético na canção popular brasileira*

Andreia dos Santos Menezes (UNIFESP): *O malandro no samba (1910-1940)*

17h30-19h30

Mesa 2: Poéticas musicais

Mediação: Pedro Marques Neto (UNIFESP)

Mônica Isabel Lucas (USP): *Uma defesa de Antonio Salieri*

Jean-Pierre Chauvin (USP):

Desmitificação de Mozart

Danielle Crepaldi Carvalho: *Mozart encontra o primeiro cinema: o teatro e a ópera na cena muda*

Quinta-feira, 3 de dezembro de 2020

13h00: Conferência com John Turci-Escobar: *Aproximación al Tango: ¿Qué nos enseña Borges?* (The University of Texas at Austin)

14h00 - 16h00:

Mesa 3: Literatura e deslizamentos culturais
Mediação: Jean-Pierre Chauvin

Lígia Fonseca Ferreira (UNIFESP): *351: Mário de Andrade, africanista*

Pedro Marques Neto (UNIFESP): *O Rio coreográfico de João Cabral*

Fábio Martinelli Casemiro (UNIFESP): *O Magma e a Cultura Caipira*

16h30-18h30:

Mesa 4: Poéticas visuais

Mediação: Ana Cláudia Romano Ribeiro (UNIFESP)

José Muchnik (poeta): *Amazonia he visto: pulsaciones poéticas y enfoques científicos*

Luís Martins Villaça (USP): *A imagem que falta: um estudo sobre a realização documental a partir da direção de fotografia como concepção e método em Kawaiweté*

Invadidos

Sávio Stocco (UFPA): *A copenetração entre artes nas decorações dos teatros amazônicos*

19h00- 21h00:

Mesa 5: A Materialidade da arte

Mediação: Francine Fernandes Weiss Ricieri (UNIFESP)

Armando Gens (UERJ): *Poemas ilustrados: tempo e espaço, opacidade e transparência*

Lavinia Silveiras (UNIFESP): *O emblema como um "quadro falante": transbordamentos de imagem e linguagem*

Tatiana Podlubny: *O cão, o cavalo e o céu. A relação texto/imagem como procedimento de criação.*

Sexta-feira, 4 de dezembro de 2020

14h30-16h30:

Mesa 6: Poéticas da imagem

Mediação: Danielle Crepaldi Carvalho (USP)

Anita Leandro (UFRJ) e Dôra Guimarães (Grupo de Contadores de Estórias Miguilim): *"Riobaldo e Diadorim" (2017)*

Petrônio Lorena: *"O Silêncio da Noite é que tem sido Testemunha das Minhas Amarguras" (2018): A poesia para documentário*

Daniel Neves de Andrade e Mário Cabral de Almeida (Companhia Bueiro Aberto): *"Cantoria Urbana" (2016), um filme sobre artistas migrantes*

17h00 -19h00:

Mesa 7: A literatura e as tensões com o sagrado

Mediação: Marcelo Lachat (UNIFESP)

Eduardo Veras (UFTM): *O pleno da poesia: notas sobre a crise do paradigma mítico-musical na poesia moderna*

Pablo Simpson (UNESP-São José do Rio Preto): *Sobre Julien Benda, a poesia e a música*

Francine Fernandes Weiss Ricieri (UNIFESP): *Entrar no porto-portão frente ao rio, e Amém*

19h30-21h30:

Mesa de encerramento: Ricardo Stuckert (fotógrafo de "Democracia em Vertigem") e Gustavo Conde (Portal 247): *"Democracia em Vertigem" (2019)*

21:30: Encerramento pela comissão organizadora

2, 3 e 4 de dezembro de 2020

Evento online: <https://www.youtube.com/channel/UCmA-qJM7bp921Klw0BcrVCA/>

Caderno de Resumos

I Jornada de estudos: Atravessamentos poéticos entre a literatura, a música, o audiovisual e as artes

plásticas

2, 3 e 4 de dezembro de 2020

Evento online:

<https://www.youtube.com/channel/UCmA-qJM7bp921Klw0BcrVCA/>

Organização:

Francine Fernandes Weiss Ricieri (EFLCH-UNIFESP)

Danielle Crepaldi Carvalho (ECA-USP)

Jean Pierre Chauvin (ECA-USP)

Pedro Marques Neto (EFLCH-UNIFESP)

Realização:

Grupo de Investigações do Poético (GRIPhO - EFLCH-UNIFESP)



Álvaro Caretta (UNIFESP)

Relações entre o prosaico e o poético na canção popular brasileira

A fim de revelar as relações entre o prosaico e o poético na canção popular brasileira, observaremos em algumas canções o trabalho do enunciador com os elementos linguísticos dos gêneros primários do cotidiano e dos gêneros secundários poéticos. Assim, poderemos compreender como a escolha lexical, o tom das palavras, as rimas, os efeitos sonoros e as expressões populares manifestam tanto a relação dialógica do enunciado-canção com outros enunciados, quanto a relação do enunciador com o “outro” e seu universo de valores.

Andreia dos Santos Menezes (UNIFESP)

O malandro no samba (1910-1940)

Pretendemos nesta comunicação examinar, a partir da perspectiva dos estudos discursivos, como a figura do malandro é caracterizada nas letras de samba compostas entre as décadas de 1910 e 1940. Nossa análise, que é parte do trabalho publicado em forma de livro (Menezes, 2017), no qual lidamos com um *corpus* composto por 86 letras de samba, terá como foco especialmente a relação deste personagem com questões relativas às identidades nacional e de grupo. Veremos, por um lado, como nas letras aparecem polêmicas sobre qual seria o verdadeiro malandro, de acordo com o grupo ou o espaço a que esse personagem está associado. Por outro lado, observaremos como se plasmam nessas letras embates entre as vozes que denominamos de marginais e de disciplinadoras. Para tanto, lidaremos principalmente com os conceitos de vozes, conforme definido por Ducrot (1984; 1977), e de heterogeneidade discursiva, de acordo com Authier-Revuz (1990). Também lançaremos mão de estudos advindos das áreas da Música, Sociologia e Estudos Literários.

Anita Leandro (UFRJ)

Dôra Guimarães (Grupo de Contadores de Estórias Miguilim)

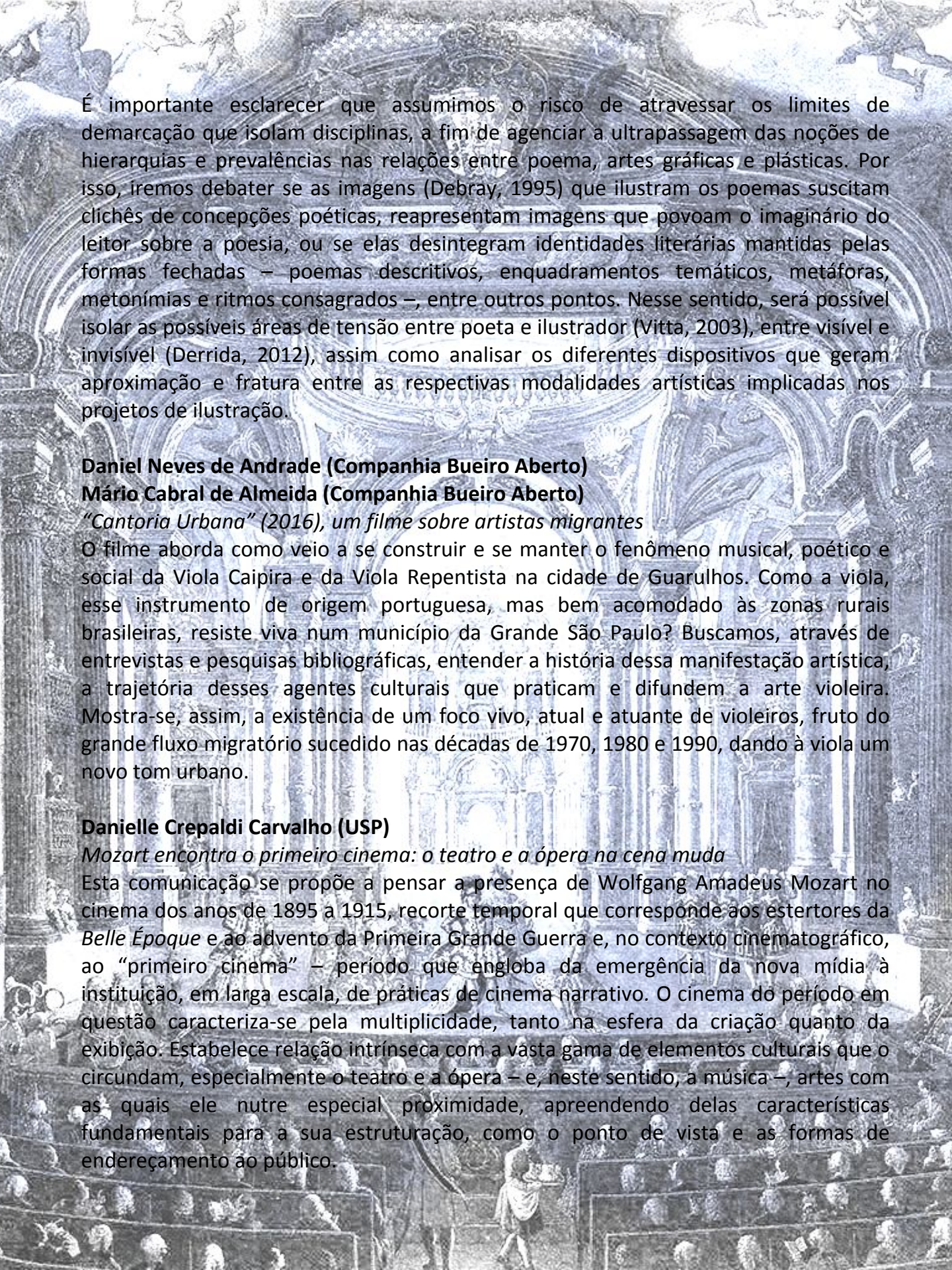
“Riobaldo e Diadorim” (2017)

Na Fazenda Tamboril, o Grupo Miguilim conta a história do amor impossível entre dois guerreiros. As narrações trazem consigo os sons e as cores de *Grande Sertão: Veredas*, o romance de João Guimarães Rosa.

Armando Gens (UERJ)

Poemas ilustrados: tempo e espaço, opacidade e transparência

Propomos investigar as relações entre texto e imagem em um contexto preciso: a ilustração de poemas (Sabourin, 2008). Para dar curso à investigação, foram selecionadas três obras que apresentam poemas ilustrados de Cruz e Sousa e Alphonsus de Guimaraens em tempos distintos e com endereçamentos diversificados.



É importante esclarecer que assumimos o risco de atravessar os limites de demarcação que isolam disciplinas, a fim de agenciar a ultrapassagem das noções de hierarquias e prevalências nas relações entre poema, artes gráficas e plásticas. Por isso, iremos debater se as imagens (Debray, 1995) que ilustram os poemas suscitam clichês de concepções poéticas, reapresentam imagens que povoam o imaginário do leitor sobre a poesia, ou se elas desintegram identidades literárias mantidas pelas formas fechadas – poemas descritivos, enquadramentos temáticos, metáforas, metonímias e ritmos consagrados –, entre outros pontos. Nesse sentido, será possível isolar as possíveis áreas de tensão entre poeta e ilustrador (Vitta, 2003), entre visível e invisível (Derrida, 2012), assim como analisar os diferentes dispositivos que geram aproximação e fratura entre as respectivas modalidades artísticas implicadas nos projetos de ilustração.

Daniel Neves de Andrade (Companhia Bueiro Aberto)

Mário Cabral de Almeida (Companhia Bueiro Aberto)

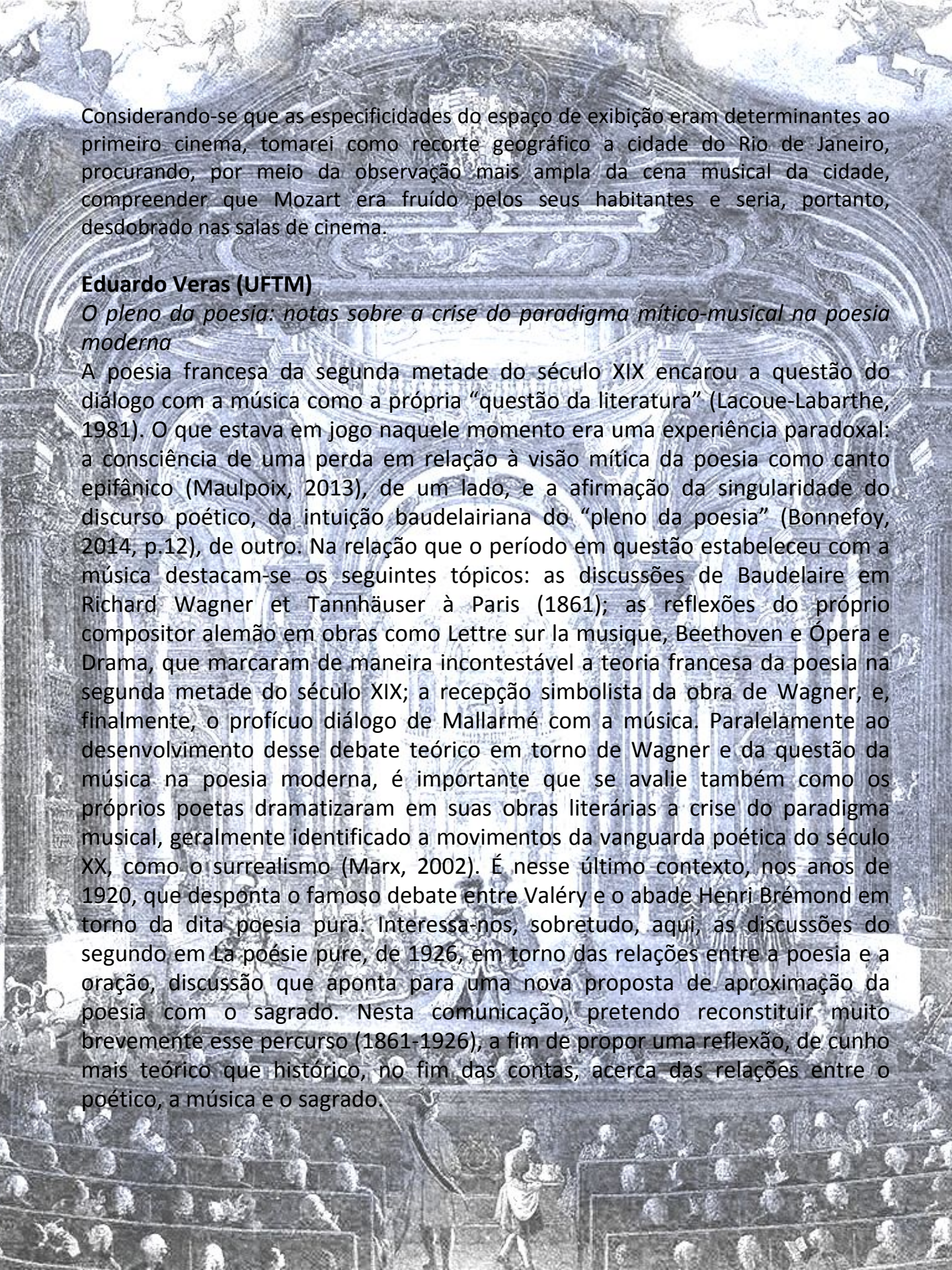
“Cantoria Urbana” (2016), um filme sobre artistas migrantes

O filme aborda como veio a se construir e se manter o fenômeno musical, poético e social da Viola Caipira e da Viola Repentista na cidade de Guarulhos. Como a viola, esse instrumento de origem portuguesa, mas bem acomodado às zonas rurais brasileiras, resiste viva num município da Grande São Paulo? Buscamos, através de entrevistas e pesquisas bibliográficas, entender a história dessa manifestação artística, a trajetória desses agentes culturais que praticam e difundem a arte violeira. Mostra-se, assim, a existência de um foco vivo, atual e atuante de violeiros, fruto do grande fluxo migratório sucedido nas décadas de 1970, 1980 e 1990, dando à viola um novo tom urbano.

Danielle Crepaldi Carvalho (USP)

Mozart encontra o primeiro cinema: o teatro e a ópera na cena muda

Esta comunicação se propõe a pensar a presença de Wolfgang Amadeus Mozart no cinema dos anos de 1895 a 1915, recorte temporal que corresponde aos estertores da *Belle Époque* e ao advento da Primeira Grande Guerra e, no contexto cinematográfico, ao “primeiro cinema” – período que engloba da emergência da nova mídia à instituição, em larga escala, de práticas de cinema narrativo. O cinema do período em questão caracteriza-se pela multiplicidade, tanto na esfera da criação quanto da exibição. Estabelece relação intrínseca com a vasta gama de elementos culturais que o circundam, especialmente o teatro e a ópera – e, neste sentido, a música –, artes com as quais ele nutre especial proximidade, apreendendo delas características fundamentais para a sua estruturação, como o ponto de vista e as formas de endereçamento ao público.



Considerando-se que as especificidades do espaço de exibição eram determinantes ao primeiro cinema, tomarei como recorte geográfico a cidade do Rio de Janeiro, procurando, por meio da observação mais ampla da cena musical da cidade, compreender que Mozart era fruído pelos seus habitantes e seria, portanto, desdobrado nas salas de cinema.

Eduardo Veras (UFTM)

O pleno da poesia: notas sobre a crise do paradigma mítico-musical na poesia moderna

A poesia francesa da segunda metade do século XIX encarou a questão do diálogo com a música como a própria “questão da literatura” (Lacoue-Labarthe, 1981). O que estava em jogo naquele momento era uma experiência paradoxal: a consciência de uma perda em relação à visão mítica da poesia como canto epifânico (Maulpoix, 2013), de um lado, e a afirmação da singularidade do discurso poético, da intuição baudelairiana do “pleno da poesia” (Bonnetoy, 2014, p.12), de outro. Na relação que o período em questão estabeleceu com a música destacam-se os seguintes tópicos: as discussões de Baudelaire em Richard Wagner et Tannhäuser à Paris (1861); as reflexões do próprio compositor alemão em obras como Lettre sur la musique, Beethoven e Ópera e Drama, que marcaram de maneira incontestável a teoria francesa da poesia na segunda metade do século XIX; a recepção simbolista da obra de Wagner, e, finalmente, o profícuo diálogo de Mallarmé com a música. Paralelamente ao desenvolvimento desse debate teórico em torno de Wagner e da questão da música na poesia moderna, é importante que se avalie também como os próprios poetas dramatizaram em suas obras literárias a crise do paradigma musical, geralmente identificado a movimentos da vanguarda poética do século XX, como o surrealismo (Marx, 2002). É nesse último contexto, nos anos de 1920, que desponta o famoso debate entre Valéry e o abade Henri Brémond em torno da dita poesia pura. Interessa-nos, sobretudo, aqui, as discussões do segundo em *La poésie pure*, de 1926, em torno das relações entre a poesia e a oração, discussão que aponta para uma nova proposta de aproximação da poesia com o sagrado. Nesta comunicação, pretendo reconstituir muito brevemente esse percurso (1861-1926), a fim de propor uma reflexão, de cunho mais teórico que histórico, no fim das contas, acerca das relações entre o poético, a música e o sagrado.



Fábio Martinelli Casemiro (UNIFESP)

O Magma e a Cultura Caipira

Magma é o único livro de poemas de Guimarães Rosa. Sua poesia ainda é pouco estudada pela crítica literária brasileira que, muitas vezes, insiste erradamente em diminuir sua força diante da inegável potência de sua prosa posterior. Seus versos tratam de vários temas, mas em geral revelam o olhar do autor sobre os seres de natureza (fauna e flora) e sobre as particularidades culturais e étnicas dos povos originários. Esse olhar telúrico cria uma poesia legitimamente modernista que se alimenta da cultura popular caipira e que se caracteriza por um *élan* etnográfico que marcou grande parte do pensamento crítico e artístico brasileiro das décadas de 1930 e 1940.

Francine Fernandes Weiss Ricieri (UNIFESP)

Entrar no porto-portão frente ao rio, e Amém

São recorrentes em poemas de João Cabral de Melo Neto as formulações que parecem remeter a definições do poético contra as quais (ou em reação às quais) sua escrita seria constituída. A recusa em “polir esqueletos” de *poesia pura* foi inicialmente recuperada, por vezes de modo obsessivo, por críticos como Luiz Costa Lima, Benedito Nunes ou João Alexandre Barbosa, entre outros. Essa recuperação depende, de modo curioso, de algumas descrições datadas do que viria a ser “poesia pura”, “poesia simbolista” ou expressões afins. Sebastião Uchoa Leite, em um ensaio de *Crítica Clandestina* (1986), já ponderava que a hipertrofia da lucidez crítica (derivada da sobrevalorização dos aspectos metapoéticos em uma escrita que era, enfim, *poética, ficcional*) poderia desaguar em um paradoxo (ou impasse): uma poesia em que se discerne crítica veemente da idealização poética (e uma *dessacralização* do literário) em algum momento parece recair no *eidos* perdido, disfarçado agora de “metapoética estrutural”. Uma *sacralização* da forma, nesse sentido, insinua-se como reverso da idealidade recusada. Esta comunicação pretende abordar algumas das tensões entre o poético e o sagrado pela problematização das descrições dos projetos poéticos contra os quais Cabral estaria postado. Volta-se também para a tensão entre sacralização da forma e comunicabilidade (ou transitividade), finalizando com uma reflexão sobre descrições mais recentes da exploração do material sensível e do material verbal, em poesia. Em diálogo com tais reflexões, uma tensão final parece merecer nota: um específico movimento em direção ao *sagrado* a ser abordado pela consideração sumária de dois poemas do escritor em questão.



Gustavo Conde (Portal 247)

Ricardo Stuckert (fotógrafo de “Democracia em Vertigem”)

“Democracia em Vertigem” (2019)

Um alerta em tempos de democracia em crise, o documentário “Democracia em Vertigem” combina o pessoal e o político para explorar um dos momentos mais dramáticos e turbulentos da História do Brasil. Com amplo acesso aos presidentes Lula, Dilma e Bolsonaro, Petra Costa (Elena, 2012) também revisita a complexa trajetória de sua família para tentar entender o país rachado em que se encontra.

Ivan Vilela (USP/Universidade de Aveiro)

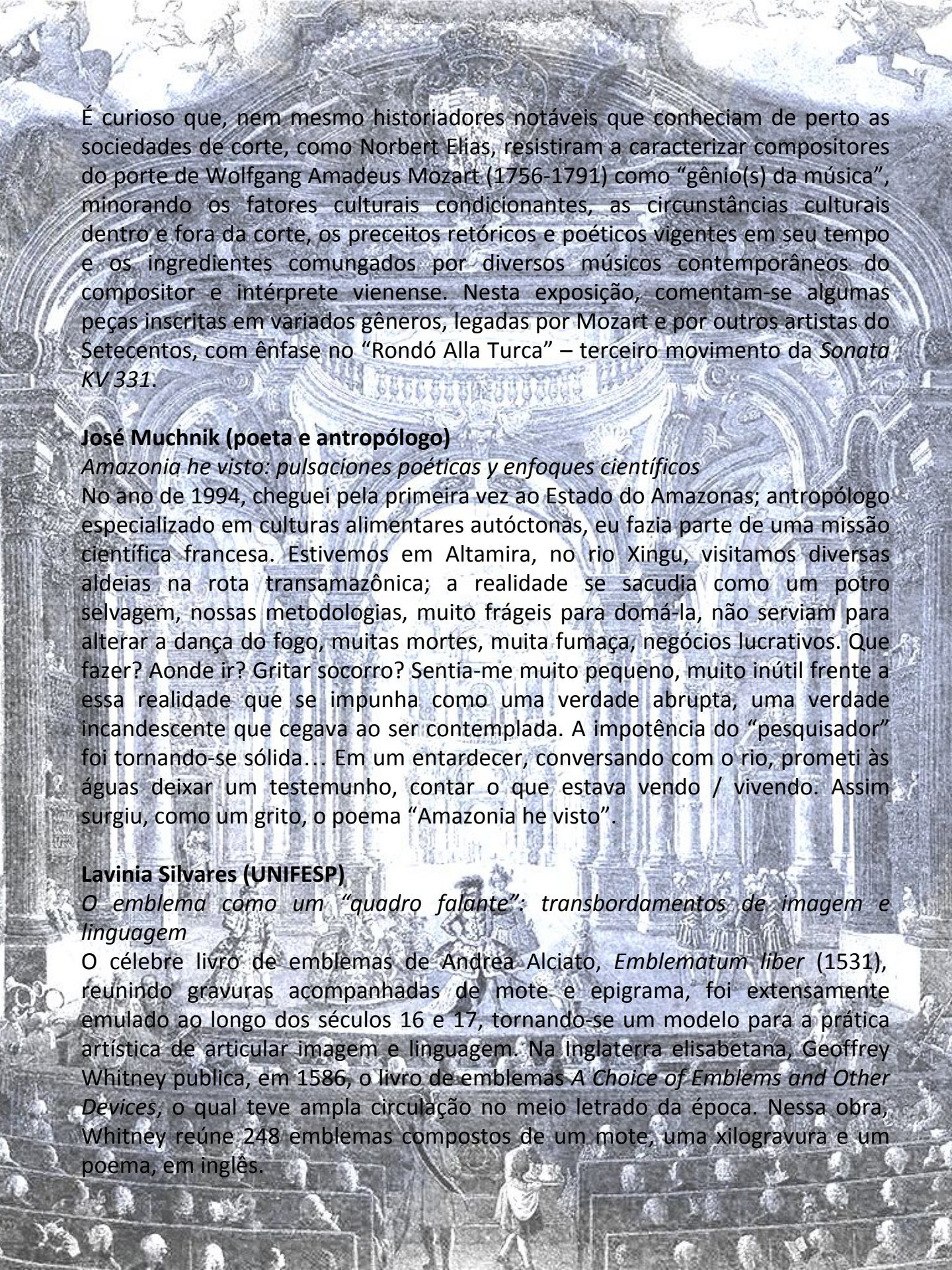
Saber oral e saber escrito: juntando na viola o que foi separado um dia

Desde a chegada dos portugueses ao Brasil, a formação cultural do insurgente povo brasileiro ocorreu de maneira predominantemente oral. O processo de difusão e posterior socialização do saber escrito deu-se com o advento da República e de todo o ideário positivista que o abrigava. De uma forma mnemônica, as populações iletradas encontraram na música não só uma forma de registrarem a sua história, mas também de manifestarem os seus anseios e pensamentos. A viola, instrumento marcadamente de uso popular tanto em Portugal como no Brasil, protagonizou várias dessas expressões, desde as Denúncias de Pernambuco a Gregório de Mattos Guerra, das Festas do Divino no Império até as gravações da música dos caipiras no início dos 1900. No século XXI esta viola ganhou força redobrada ao fundir em seu bojo elementos das culturas popular e erudita reparando, segundo Bakhtin, o distanciamento ocorrido entre elas na gênese da segunda.

Jean Pierre Chauvin (USP/UNIFESP)

Desmitificação de Mozart

A transição das sociedades de Antigo Estado para o mundo burguês, no século XIX, substituiu a razão de Estado, inventou a individualidade do sujeito e reorientou a percepção de audiência e críticos a respeito dos artistas e homens letrados – cujos poemas e partituras circularam nas centúrias anteriores. Súditos acessórios das cortes europeias, os músicos passaram a ser vistos, durante o século XIX, como homens-prodígio, supostamente situados *avant la lettre*, como pretendem diversos autores de manuais pretensamente didáticos.



É curioso que, nem mesmo historiadores notáveis que conheciam de perto as sociedades de corte, como Norbert Elias, resistiram a caracterizar compositores do porte de Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791) como “gênio(s) da música”, minorando os fatores culturais condicionantes, as circunstâncias culturais dentro e fora da corte, os preceitos retóricos e poéticos vigentes em seu tempo e os ingredientes comungados por diversos músicos contemporâneos do compositor e intérprete vienense. Nesta exposição, comentam-se algumas peças inscritas em variados gêneros, legadas por Mozart e por outros artistas do Setecentos, com ênfase no “Rondó Alla Turca” – terceiro movimento da *Sonata KV 331*.

José Muchnik (poeta e antropólogo)

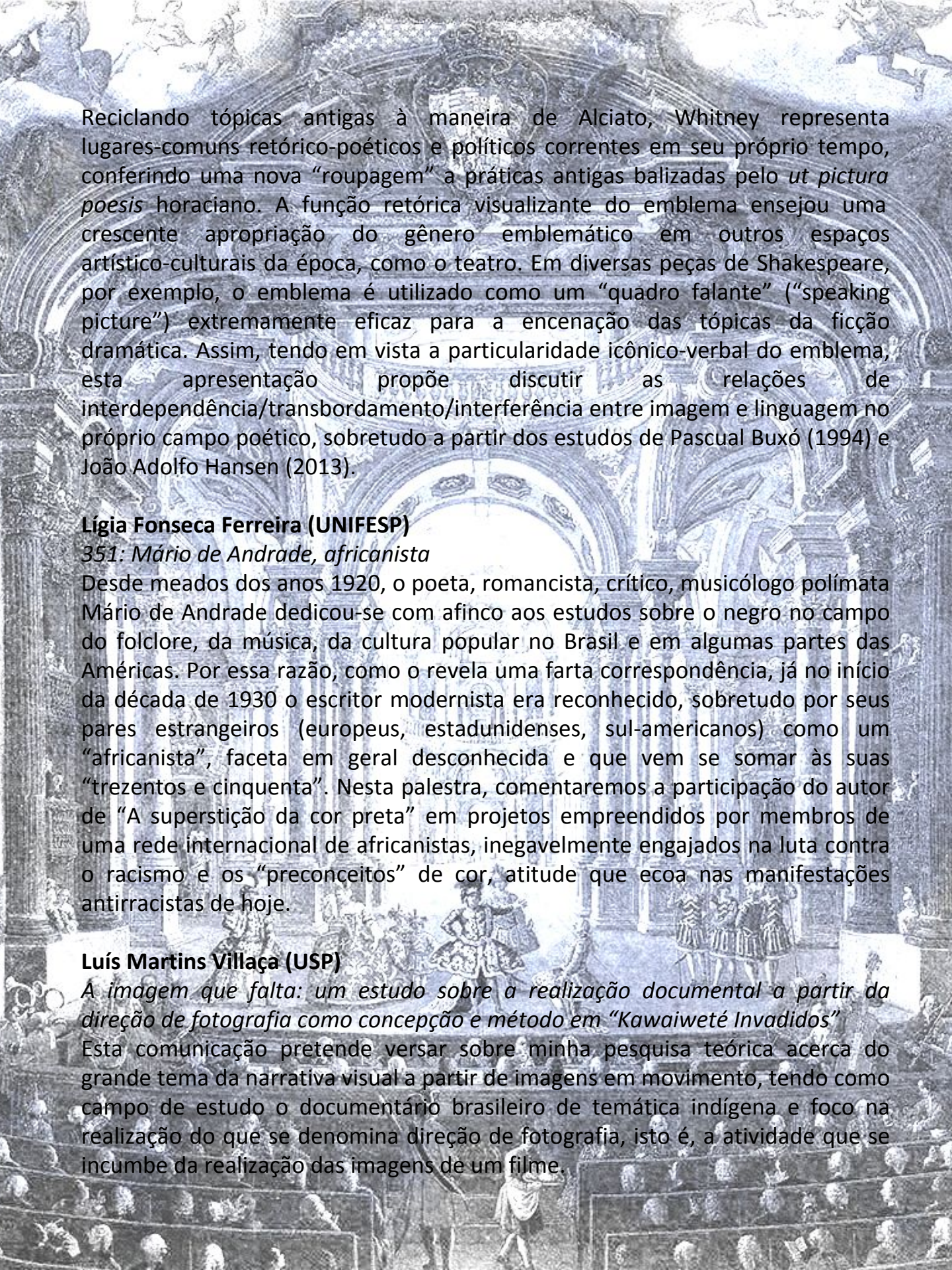
Amazonia he visto: pulsaciones poéticas y enfoques científicos

No ano de 1994, cheguei pela primeira vez ao Estado do Amazonas; antropólogo especializado em culturas alimentares autóctonas, eu fazia parte de uma missão científica francesa. Estivemos em Altamira, no rio Xingu, visitamos diversas aldeias na rota transamazônica; a realidade se sacudia como um potro selvagem, nossas metodologias, muito frágeis para domá-la, não serviam para alterar a dança do fogo, muitas mortes, muita fumaça, negócios lucrativos. Que fazer? Aonde ir? Gritar socorro? Sentia-me muito pequeno, muito inútil frente a essa realidade que se impunha como uma verdade abrupta, uma verdade incandescente que cegava ao ser contemplada. A impotência do “pesquisador” foi tornando-se sólida... Em um entardecer, conversando com o rio, prometi às águas deixar um testemunho, contar o que estava vendo / vivendo. Assim surgiu, como um grito, o poema “Amazonia he visto”.

Lavinia Silveiras (UNIFESP)

O emblema como um “quadro falante”: transbordamentos de imagem e linguagem

O célebre livro de emblemas de Andrea Alciato, *Emblematum liber* (1531), reunindo gravuras acompanhadas de mote e epigrama, foi extensamente emulado ao longo dos séculos 16 e 17, tornando-se um modelo para a prática artística de articular imagem e linguagem. Na Inglaterra elisabetana, Geoffrey Whitney publica, em 1586, o livro de emblemas *A Choice of Emblems and Other Devices*, o qual teve ampla circulação no meio letrado da época. Nessa obra, Whitney reúne 248 emblemas compostos de um mote, uma xilogravura e um poema, em inglês.



Reciclando tópicas antigas à maneira de Alciato, Whitney representa lugares-comuns retórico-poéticos e políticos correntes em seu próprio tempo, conferindo uma nova “roupagem” a práticas antigas balizadas pelo *ut pictura poesis* horaciano. A função retórica visualizante do emblema ensejou uma crescente apropriação do gênero emblemático em outros espaços artístico-culturais da época, como o teatro. Em diversas peças de Shakespeare, por exemplo, o emblema é utilizado como um “quadro falante” (“speaking picture”) extremamente eficaz para a encenação das tópicas da ficção dramática. Assim, tendo em vista a particularidade icônico-verbal do emblema, esta apresentação propõe discutir as relações de interdependência/transbordamento/interferência entre imagem e linguagem no próprio campo poético, sobretudo a partir dos estudos de Pascual Buxó (1994) e João Adolfo Hansen (2013).

Lígia Fonseca Ferreira (UNIFESP)

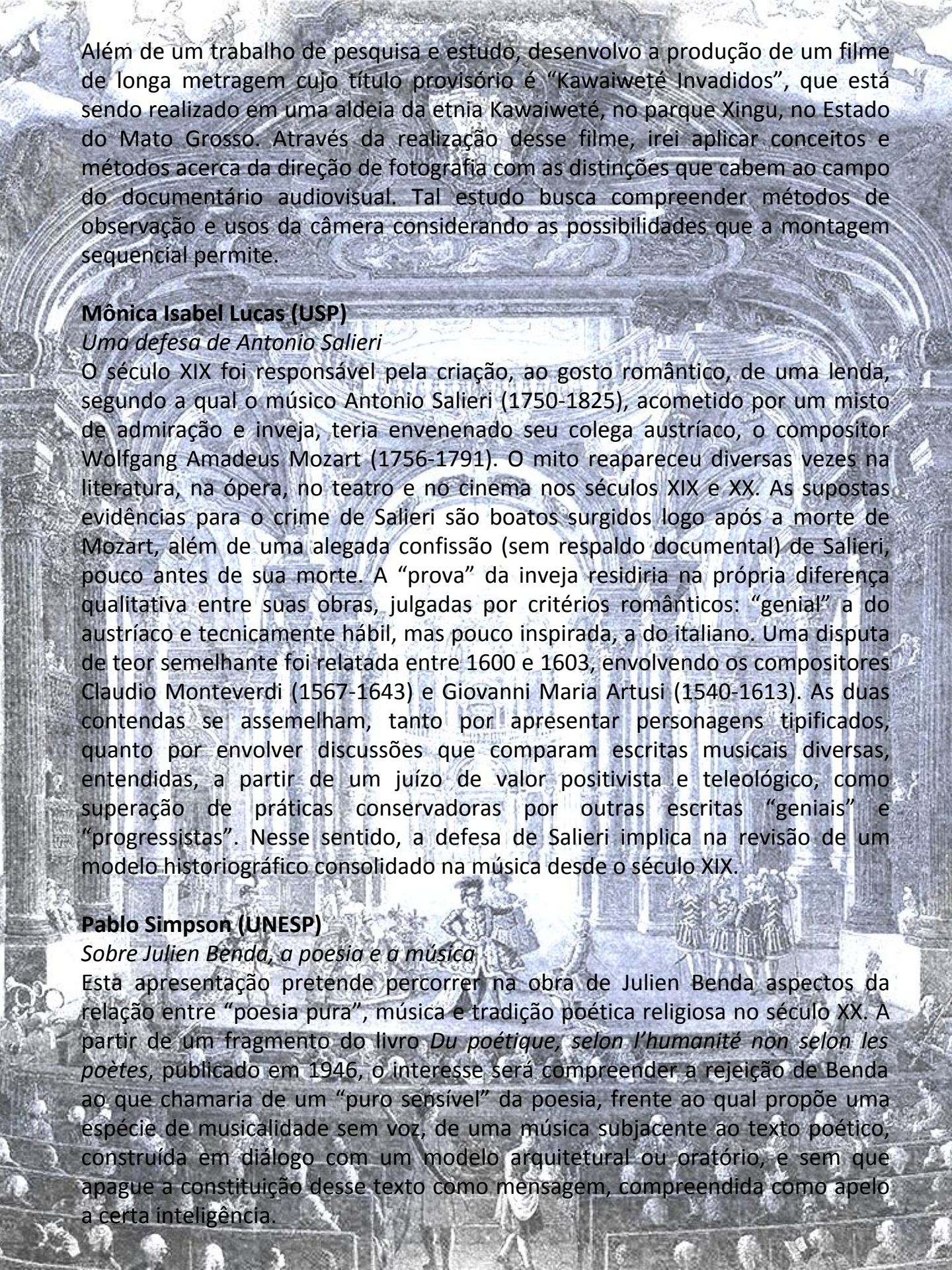
351: Mário de Andrade, africanista

Desde meados dos anos 1920, o poeta, romancista, crítico, musicólogo polímata Mário de Andrade dedicou-se com afinco aos estudos sobre o negro no campo do folclore, da música, da cultura popular no Brasil e em algumas partes das Américas. Por essa razão, como o revela uma farta correspondência, já no início da década de 1930 o escritor modernista era reconhecido, sobretudo por seus pares estrangeiros (europeus, estadunidenses, sul-americanos) como um “africanista”, faceta em geral desconhecida e que vem se somar às suas “trezentos e cinquenta”. Nesta palestra, comentaremos a participação do autor de “A superstição da cor preta” em projetos empreendidos por membros de uma rede internacional de africanistas, inegavelmente engajados na luta contra o racismo e os “preconceitos” de cor, atitude que ecoa nas manifestações antirracistas de hoje.

Luís Martins Villaça (USP)

A imagem que falta: um estudo sobre a realização documental a partir da direção de fotografia como concepção e método em “Kawaiweté Invadidos”

Esta comunicação pretende versar sobre minha pesquisa teórica acerca do grande tema da narrativa visual a partir de imagens em movimento, tendo como campo de estudo o documentário brasileiro de temática indígena e foco na realização do que se denomina direção de fotografia, isto é, a atividade que se incumbe da realização das imagens de um filme.



Além de um trabalho de pesquisa e estudo, desenvolvo a produção de um filme de longa metragem cujo título provisório é “Kawaiweté Invadidos”, que está sendo realizado em uma aldeia da etnia Kawaiweté, no parque Xingu, no Estado do Mato Grosso. Através da realização desse filme, irei aplicar conceitos e métodos acerca da direção de fotografia com as distinções que cabem ao campo do documentário audiovisual. Tal estudo busca compreender métodos de observação e usos da câmera considerando as possibilidades que a montagem sequencial permite.

Mônica Isabel Lucas (USP)

Uma defesa de Antonio Salieri

O século XIX foi responsável pela criação, ao gosto romântico, de uma lenda, segundo a qual o músico Antonio Salieri (1750-1825), acometido por um misto de admiração e inveja, teria envenenado seu colega austríaco, o compositor Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791). O mito reapareceu diversas vezes na literatura, na ópera, no teatro e no cinema nos séculos XIX e XX. As supostas evidências para o crime de Salieri são boatos surgidos logo após a morte de Mozart, além de uma alegada confissão (sem respaldo documental) de Salieri, pouco antes de sua morte. A “prova” da inveja residiria na própria diferença qualitativa entre suas obras, julgadas por critérios românticos: “genial” a do austríaco e tecnicamente hábil, mas pouco inspirada, a do italiano. Uma disputa de teor semelhante foi relatada entre 1600 e 1603, envolvendo os compositores Claudio Monteverdi (1567-1643) e Giovanni Maria Artusi (1540-1613). As duas contendas se assemelham, tanto por apresentar personagens tipificados, quanto por envolver discussões que comparam escritas musicais diversas, entendidas, a partir de um juízo de valor positivista e teleológico, como superação de práticas conservadoras por outras escritas “geniais” e “progressistas”. Nesse sentido, a defesa de Salieri implica na revisão de um modelo historiográfico consolidado na música desde o século XIX.

Pablo Simpson (UNESP)

Sobre Julien Benda, a poesia e a música

Esta apresentação pretende percorrer na obra de Julien Benda aspectos da relação entre “poesia pura”, música e tradição poética religiosa no século XX. A partir de um fragmento do livro *Du poétique, selon l’humanité non selon les poètes*, publicado em 1946, o interesse será compreender a rejeição de Benda ao que chamaria de um “puro sensível” da poesia, frente ao qual propõe uma espécie de musicalidade sem voz, de uma música subjacente ao texto poético, construída em diálogo com um modelo arquitetural ou oratório, e sem que apague a constituição desse texto como mensagem, compreendida como apelo a certa inteligência.



Pedro Marques Neto (UNIFESP)

O Rio coreográfico de João Cabral

No poema “O rio” (1954), João Cabral de Melo Neto (1920-1999) parece reanimar a letra poética com voz e coreografia. “O rio” desempenha sua jornada ora como épica, ora como *dança dramática*, na acepção de Mário de Andrade. Não é que realize o retrato em si do brinquedo coletivo, da chegada ou da congada, mas de uma voz individual feita poeta, rio ou retirante. Cabral mitiga a sacralidade para amplificar o drama, no final humano, da transformação andante. Cria, ainda, um curso estilístico, baseado antes na seleção que na abundância de usos. O que, de um lado, dá identidade linguística ao (dis)curso, e de outro, perfaz literalmente o cortejo sem seus falares, cantares e dançares. “O rio”, nesse sentido, também encena a autonomização da palavra poética que, fora da praça ou da rua multi-performática, precisa simular, nos limites da página, sons e gestos com caracteres e imagens.

Petrônio Freire Lorena (cineasta)

“O Silêncio da Noite é que tem sido Testemunha das Minhas Amarguras” (2018): a poesia para documentário

A poesia é um estado de graça e de beleza que pode estar presente em todas as obras, mesmo que não sejam, essencialmente, de natureza artística. O sentido artístico, a fruição estética, a coerência conceitual podem acompanhar os objetos táteis e virtuais da humanidade. O documentário, que em geral se refere a um recorte da realidade, não está separado da poesia. Ela serve como um condutor para deixar a narrativa mais sedutora, garantindo que o conteúdo apareça e que o espectador continue assistindo ao filme. No Brasil, o documentário é, muitas vezes, considerado por leigos como algo próximo da reportagem ou que não é filme, como se filme fosse algo identificado apenas com ficção. No entanto, o gênero documentário é um dos braços primitivos do cinema que começou com o registro de cenas do cotidiano. E a sua realização, desenvolvendo uma narrativa sobre assunto específico, precisa contar com os elementos inerentes também à ficção. É necessária uma concepção fotográfica, um som que pode estar sincado ou não sincado com a imagem para transmitir uma ideia ou sentimento. É necessário um roteiro ou pré-roteiro, pré-produção, filmagem, montagem e finalização. Portanto, é uma forma de arte que, assim como a ficção, possui a poesia para facilitar a chegada da informação ou simplesmente para causar fruição estética.

Sandra de Barros (UNIFESP)

Compositoras brasileiras: novos diálogos sobre a imagem feminina na canção popular

O universo feminino, enquanto tema de canções populares, foi tradicionalmente tratado com uma visão mais masculina. Figuras femininas famosas representadas na canção brasileira revelam a predominância dessa visão social na canção popular. No século XXI, em vista de as mulheres estarem participando mais dessa atividade como compositoras, novas perspectivas de expressão sobre o universo feminino e sobre a própria imagem da mulher podem ser observadas na canção popular brasileira. A procura de conhecer um pouco esse novo paradigma nos levou a analisar algumas canções de compositoras dessa nova geração a fim de verificar como elas constroem seu discurso cancional. Esse trajeto de pesquisa se guiou pelo modo de olhar o discurso da Análise Dialógica do Círculo de Bakhtin e pelo modo de ouvir a canção popular brasileira de alguns de seus estudiosos, tais como Álvaro Caretta e Luiz Tatit.

Sávio Stocco (UFPA)

A copenetração entre artes nas decorações dos teatros amazônicos

Abordarei a circularidade entre artes/imagens na arte decorativa, sobretudo, do Teatro Amazonas (Manaus), mas também no Theatro da Paz (Belém). Monumentos artísticos principais das capitais brasileiras da borracha, essas edificações encerram um complexo de elementos decorativos significativos, dentre originais e acrescidos. Autores contemporâneos têm aprofundado e oxigenado as questões (Valladares, 1974; Derenji, 1996; Daou, 2007; Correa, 2017), que estão sendo enriquecidas com a observância da copenetração entre artes e uma melhor compreensão dos contextos. Por exemplo, o pano de boca amazonense, representando um marco natural fluvial local, sugere ser decorrente de uma descrição textual de exaltação romantizada escrita por um literato/geógrafo-historiador de meados do XIX (Stoco, 2016). Já em outro estudo, essa mesma imagem foi relacionada a um libreto operístico amazônico do final desse século (Falcón, 2014). No salão nobre, painéis pictóricos parietais trazem cenas naturais cujos modelos são vistas fotográficas pitorescas naturais/natural-urbana. Durante a “redecoração” parcial promovida em 1929, dois artistas decoradores engajados no campo promoveram acréscimos que matizaram a primazia do gosto/estilo europeu, seguindo parâmetros nacionalistas. Já no Theatro da Paz, em 1960, a criação de uma nova pintura de teto para o salão nobre, que havia perdido por completo a original, procurou manter a origem italiana do artista: Armando Balloni, pintor moderno radicado em São Paulo, interpretou a encomenda não sem um retorno à convenção do retrato das espécimes naturais, sob um verniz moderno, mas muito distinto da sua produção autoral.

Tatiana Podlubny (designer, artista visual e editora)

O cão, o cavalo e o céu. A relação texto/imagem como procedimento de criação

Na interface entre as artes visuais e a produção editorial, a designer, artista visual e editora da Fada Inflada, Tatiana Podlubny, apresenta alguns de seus trabalhos em que o texto e a imagem dialogam em diferentes relações de interdependência. Em “Como construir um modelo vivo”, o processo de criação teve como disparador uma ação performativa em que foram geradas fotografias, que por sua vez deram origem a desenhos, sendo o texto a última camada de composição da obra. Em “Corpos celestes”, trabalho exposto em 2018 na EAV Parque Lage, 24 mitopoemas foram criados a partir de conversas sobre os mapas astrais dos artistas residentes na escola. Em “MU”, os desenhos de observação de um cão encontram ressonâncias com um koan zen. A articulação de modo não hierárquico entre o texto e a imagem permite o surgimento de uma dimensão do sensível que só acontece na passagem de uma linguagem para a outra.

